



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

**Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág. 33-49**

**Corpo que é meu, mas não sou eu: o não-reconhecimento do ser-si-  
mesmo**

**Body that is mine, but not me: the non-recognition of being-itself**

**San Zureik Calacina da Silva**

**Ewerton Helder Bentes de Castro**

### **Resumo**

A adolescência é uma fase do desenvolvimento repleta por angústias, inquietações, desvelamentos. É premente reconhecermos as várias dimensões presentes no adolescer. O objetivo deste estudo é trazer um estudo de caso obtido no plantão psicológico em escola pública em Manaus sobre a historicidade de um adolescente trans sob o viés da Fenomenologia de Merleau-Ponty. É um estudo sob o viés qualitativo e utiliza parâmetros do método fenomenológico-psicológico de pesquisa em Psicologia. A narrativa fala de abandono, abuso sexual e dificuldade com o corpo original. Conclui-se como as relações com o outro podem ser vivenciadas como um elemento que provoca o surgimento de uma corporeidade silenciada onde o não reconhecimento de si mesmo enquanto corpo é experienciado sob o viés da dor e do sofrimento.

**Palavras-chave:** adolescência, historicidade, corporeidade silenciada.

### **Abstract**

Adolescence is a stage of development filled with anxieties, concerns, revelations. It is urgent to recognize the various dimensions present in adolescence. The objective of this study is to bring a case study obtained in the psychological shift in a public school in Manaus on the historicity of a trans teenager under the bias of Merleau-Ponty's Phenomenology. It is a qualitative study and uses parameters of the phenomenological-psychological research method in Psychology. The narrative speaks of abandonment, sexual abuse and difficulty with the original body. It concludes how relationships with the other can be experienced as an element that causes the emergence of a silenced corporeity where the non-recognition of oneself as a body is experienced under the bias of pain and suffering.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

**Keywords:** adolescence, historicity, silenced corporeality.

## **Introdução**

O plantão psicológico nas escolas públicas de Manaus proporciona a crianças e adolescentes uma escuta emergencial que possibilita reflexão a respeito dos aspectos vivenciais que afetam de maneira física, mental, social e escolar.

Compreendemos a dimensionalidade que caracteriza essa fase do desenvolvimento, tendo em vista que, nesse período da vida surgem inquietações e situações que rompem com o que até aquele momento estava sendo vivenciado como normativo, normal. Isto significa que, o adolescer é pleno em modificações que culminam não apenas em transformações orgânicas apenas, mas em grandiosas transformações na socialização nas relações de modo geral, na esfera psíquica. Enfim, é necessário que tenhamos um olhar para além do biológico, do orgânico. É preciso compreendermos o olhar que esse adolescente lança sobre si mesmo, sobre o mundo, sobre a vida e, sem dúvida, nos colocarmos atentos ao que está sendo vivido e significado. Deve-se questionar.

. Heidegger (2012) aponta que o perguntar é um buscar, e toda busca tem sua direção prévia a partir do buscado, ou seja, a dimensão do cuidado que se precisa ter nas perguntas para este outro é fundamental. Tendo em conta isto, a elaboração de uma indagação é uma possibilidade de reflexão de abertura a este outro.

A escuta ativa demonstra papel fundamental para compreensão das experiências atribuídas a esta criança e adolescente que perpassa por diversas circunstâncias das mais variadas formas. Como afirma Castro (2021), a escuta deixa de ser apenas o ouvir e torna-se algo



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

mais grandioso, uma vez que, é no presentificar junto ao outro que o acolho em sua estranheza do mundo.

A contemporaneidade tem sido palco de uma gama feérica de transformações. Temos nosso cotidiano atravessado por um infinito bombardeio de informações. E são informações muitas vezes desconstruídas, fakes, sem quaisquer conteúdos verdadeiros e que, no entanto, tem lançado à adolescência uma sequência de informes que são acolhidas e têm propiciado mudança nas relações, dentro e fora do contexto familiar.

A escola, instituição formadora por excelência, tem sido continuamente vítima das consequências dessas informações. O aluno, independentemente a gênero, raça ou poder aquisitivo, tem trazido para o interior da instituição comportamentos diferentes e diferenciados, tais como: a prática da autolesão ou de comportamentos autodestrutivos; a agressividade oriunda da vivência domiciliar da violência; questões relativas a preconceito e discriminação, principalmente no que diz respeito à identidade de gênero.

Todo esse arsenal de questões explode na escola. E o resultado de todo esse aparato existencial são relações fortemente comprometidas, onde aos docentes tem sido lançada uma responsabilidade que não lhes pertence: a educação de crianças e adolescentes oriundos de configurações familiares que se tornaram atípicas por não possuírem o diálogo como elemento a sustentar o aspecto relacional doméstico.

A família, nicho primeiro de socialização, sentido e significação do ser si mesmo torna-se um campo de desavenças, desconforto, implementação de dores e sofrimentos nos mais variados aspectos e níveis. Muitas vezes, o adolescente não é escutado em sua história, em suas vivências. É apenas cobrado, é rejeitado, é anulado em ser



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

quem é por ser diferente ou por ter passado a agir não mais em conformidade com os parâmetros determinados por suas figuras significativas no exercício da maternagem e da paternagem. São deixados de lado ou, muitas vezes, como sói acontecer, pressionados para serem “normais” e quando esse movimento não ocorre, são praticamente “desligados” do nicho que deveria ser de apoio e confiança.

São vários os “incômodos” relatados por adolescentes quando estes questionam sua própria sexualidade, sentindo-se de um gênero que não o do nascimento, engendra uma série de verdadeiras “turbulências” no cotidiano desse(a) adolescente. Passa, a partir daí, a ser colocado ao lado, marginalizado, depreciado, a sofrer injúrias tanto no nicho familiar como fora dele e todo esse movimento resulta em mergulhar em redemoinho de sensações e percepções, sendo estas últimas, muitas vezes, o distanciar-se de si mesmo e do outro, ocorre o isolamento, a solidão e, a partir daí, o surgimento de casos de comportamentos auto lesivos e autodestrutivos.

Este estudo objetiva compreender a dimensão da vivência de um adolescente trans em sua trajetória familiar e no que tange a corporeidade. Para isto, trazemos material acerca da adolescência, Plantão psicológico, fenomenologia de Merleau-Ponty e identidade de gênero.

### **Adolescência**

O desenvolvimento humano tem sido amplamente estudado em todas as fases que o compõem, dentre estas, a adolescência. Considerada a fase de transição entre infância e fase adulta, caracterizada por alterações em diversos níveis, físico, mental e social. A infância e suas características, vivências, comportamentos tornam-se distanciados e o sujeito adquire competências e caracteres que o



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

permitem assumir deveres e papéis sociais do adulto (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias, Silveiras, 2010; Freitas, Silva, 2014).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2017) período biopsicossocial em que o indivíduo se encontra especificamente na faixa etária entre 10 e 19 anos de idade. Em nosso país, o Estatuto da Criança e do Adolescente – eca (BRASIL, 1990) estabeleceu a faixa etária de 12 anos completo aos 18 anos incompletos.

As mudanças físicas dizem respeito às transformações corporais da puberdade, universais e visíveis, envolvendo altura, forma e sexualidade. Um salto na busca de ser ele mesmo, assim caracterizamos a adolescência, tendo em vista que, essas mudanças repercutem não apenas no adolescente em si mesmo, mas em sua família e comunidade e, quanto a este último fator, na escolar, onde estamos desenvolvendo as atividades que originaram este estudo.

Consideramos a adolescência em sua perspectiva de ser um período fortemente marcado por transformações a partir de uma dimensão psicobiológica com grande influência dos contextos nos quais esse adolescente transita, histórico, econômico, social e cultural. Com isso, esse indivíduo está mergulhado em um mundo circundante com o outro que o acompanha cotidianamente, onde apreende valores e estabelece sentidos ao existir.

Precisamos ter em mente que essa “fase de transição” é experienciada no ensino fundamental, etapa da educação básica correspondente do 6º ao 9º ano, estabelecido entre os anos iniciais e o Ensino Médio, momento de preparação do estudante para a vida e o mercado de trabalho. É na escola que a pessoa passa a maior parte de sua vida, ou seja, é nessa instituição que experiencia dores, sofrimentos, alegrias, felicidades. Enfim, a escola é o nicho no qual as emoções e os sentimentos, maioria das vezes, eclodem e explodem.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Encontramos no cotidiano escolar uma gama ampla de comportamentos que, a partir por exemplo da pandemia de COVID-19, têm sido trazidos e preocupado gestores, professores e pais de alunos. Dentre estes, encontramos: autolesão, comportamentos autodestrutivos, ansiedade, dificuldades experiências nas várias configurações relacionais, consequências da violência doméstica no processo ensino-aprendizagem, casos de violência sexual contra meninas e meninos, questões relativas a identidade de gênero. Como podemos perceber, a dimensão do ser-adolescente na contemporaneidade perpassa uma gama de fatores que precisam ser observados, discutidos e compreendidos. Queremos dizer com isso que, a premência em redimensionarmos nosso olhar sobre estas pessoas é imprescindível, necessário.

Precisamos, desse modo, refletir a adolescência para além da famosa e já arcaica expressão “uma fase de crise de identidade”. Entretanto, vale ressaltarmos nosso questionamento: a que crise as teorias têm se referido? Como pensar a dinamicidade do adolescer diante da tecnologia que nos inunda a cada segundo com centenas de milhares de informações e se caracteriza como o elemento quase fundante do cotidiano adolescente? Como pensar a adolescência em seus desafios. Sim, desafios de um auto encontro necessário e que se faz requerer a todo instante? Como lidar com as questões tão profundas como as de identidade de gênero? Como podemos estar refletindo para além de teorias estagnadas e engessadoras da existencialidade?

Estudos têm sido implementados acerca da adolescência a nível nacional de modo mais generalista (Barbosa-Silva, Pereira, Alves, 2021; Almeida, Ribeiro, Pucci, 2021; Quiroga, Vitalle, 2013; Valle, Mattos, 2011) Outros autores têm estudado acerca da saúde mental do



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

adolescente (Silveira Goldani Pinheiro et al., 2022), sexualidade (Baccarat de Godoy Martins, 2012), bem estar subjetivo (Fernandes Ferreira Lima, Araújo de Moraes, 2018).

Incertezas, inquietações, são promotores de uma série de comportamentos ditos “desencontrados” pelo adolescente. Contudo, pode-se dizer que estes aspectos, muito presentes nesta fase da vida, originam crises de ansiedade, angústia, medos e temores. Dentre estes, encontra-se o redemoinho existencial que vive um adolescente com dificuldades relacionais em decorrência de sua identidade de gênero, também objeto de estudo presente neste artigo.

Comentamos em alguns pontos desta escrita sobre o Plantão Psicológico. Estaremos explicitando esta atividade em linhas gerais e afunilaremos para apresentar como é realizado, especificamente, em escolas da rede pública de ensino de Manaus.

### **Plantão Psicológico, parâmetros gerais**

Mahfoud (2012, 2013, 2018) considera que esta atividade está pautada principalmente no momento do encontro, onde a busca é que a experiência pela qual o outro está passando seja potencializada e abra caminhos e perspectivas de futuro.

O Plantão psicológico, dessa forma, deve ser compreendido como o momento em que esse outro consiga perceber-se em seu próprio caminhar como sendo quem é, em quem se tornou e como foi caminhar naquela situação específica que está causando dor e sofrimento. Acompanhamos a pessoa no drama vivido, possa reconhecer-se, experienciar-se na dor e no sofrimento que vive e móvel pelo qual ela procurou o atendimento psicológico, conquistando, dessa forma, novos recursos para enfrentar e posteriormente sobrelevar o sofrimento.





**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Para o plantonista cabe não se posicionar no sentido de que o outro mude, de modo imediato, mas presentificar-se, de tal forma, que estejamos com ela em caráter de espera não de dor ou sofrimento ou limite. É seu movimento, é sua autodescoberta nessa espera que viabilizará o reconhecer-se a si mesma. E isto significa crescer em sua capacidade de sentimento e de reflexão em sintonia com o próprio corpo, com sua corporeidade.

O plantão psicológico realizado nas escolas de ensino fundamental e médio na cidade de Manaus, objetiva acolher, escutar e cuidar dessa demanda emergencial trazida pelo adolescente. A atividade ocorre durante todos os dias da semana, turnos matutino e vespertino.

Possibilitar um nicho de encontro com o adolescente é fundamental para o encaminhamento da atividade, uma vez que, a partir do momento em que percebe a disponibilidade do plantonista para além de quaisquer pré-julgamentos, pré-concepções e pré-conceitos, a relação vincular é estabelecida e reverbera nesse outro de tal forma que consegue expor toda sua dimensão de dor e sofrimento.

Geralmente são de 3 a 4 escutas por turno sem especificação de tempo e o adolescente tem a possibilidade de dirigir-se, espontaneamente, ao plantão até 5 vezes. Após as supervisões (cada aconselhamento tem supervisão) e verificada a necessidade de continuidade no acompanhamento, o adolescente é encaminhado para a rede de apoio do projeto.

O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo de caso realizado no plantão psicológico em uma escola pública na cidade de Manaus em luz da filosofia de Maurice Merleau-Ponty. Dessa forma, a partir deste momento, vamos apresentar parâmetros teóricos do pensamento merleauPontiano





**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

### **A Fenomenologia de Merleau-Ponty: o corpo como centro!**

Ferreira & Castro (2017) trazem a fenomenologia de Merleau-Ponty, filósofo francês que embasa seu pensamento a partir das contribuições de Edmund Husserl, o criador da Fenomenologia.

A experiência própria, nossa experiência singular é que nos permite conhecer o mundo. Assim, é o mundo da vida a base de sua teoria, tendo em vista que, é essa experiência vivida que origina e sustenta todas as explicações posteriores a cada um de nós. O corpo, é o mediador desse processo. Estamos mergulhados no mundo e é pelo corpo que sentimos, percebemos, atribuímos sentido.

Sendo assim, Merleau-Ponty em Fenomenologia da Percepção (2011) reflete o corpo para além do caráter organicista, sustenta a perspectiva de que o corpo não pode ser objetificado, coisificado, “ele é um aspecto fundamental da existência humana, é um objeto que se traduz como corporeidade, que constitui o existir do ser humano” (Ferreira & Castro, 2017, p. 28-29).

Em sua reflexão, estabelece parâmetros entre a percepção e a questão do corpo. Considera a percepção como a experiência original do corpo com o mundo ao redor. Dessa forma, o corpo não é esse espaço objetivado em contraposição à alma, mente ou inteligência. Passa a ser considerado como corporeidade, ou seja, o elo vivo com a natureza, fonte de conhecimentos e sentidos existenciais. Assim, a conjectura resultante desse pensamento é que não é um eu penso como etapa para o conhecimento, mas um conhecimento que se funda senso-corporalmente.

Para Merleau-Ponty (2011) o corpo sabe, compreende e os sentidos existenciais se manifestam corporalmente. Tanto que afirma: “a união entre a alma e o corpo não é selada por um decreto arbitrário



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

entre dois exteriores, um objeto, outro sujeito. Ela se realiza a cada instante no momento da existência” (2011, p. 139).

O corpo que vive e está no mundo, é o meu corpo, e, portanto, não pode ser reduzido a um mero objeto. Assim, existimos e percebemos o mundo corporalmente e, esse corpo “tem seu mundo ou compreende seu mundo sem precisar passar por representações, sem subordinar-se a uma função simbólica ou objetivante” (2011, p. 295).

Existir significa ter um corpo, viver se dá corporalmente e que é no corpo que a relação ser humano-mundo se dá. Não há separação entre corpo e consciência. Merleau-Ponty (2011) interroga a experiência vivida do ser humano encarnado, tendo em vista que onde há corpo, há história vivida. Para este autor, o corpo sintetiza a história e a relação do indivíduo com o mundo e antecede todo e qualquer conhecimento intelectual. O corpo não é mera representação de conteúdos da mente. O homem não tem um corpo, mas é um corpo que percebe e é percebido.

Segundo Merleau-Ponty (2011) o conhecimento do outro possibilita o conhecimento de si. É uma relação de trocas. E, nessa troca, o olhar lançado pelo outro pode ser um movimento em que a dor e o sofrimento se tornam partícipes. E, neste momento, redimensionamos nosso olhar para outro aspecto: como é viver a corporeidade em um corpo que é meu, mas não sou eu, ou seja, diante de casos relativos à identidade de gênero, elemento que iremos discorrer a partir de agora para situar o que exporemos nos resultados deste artigo.

### **Identidade de gênero:** possibilidades de compreensão

Em 2017, a filósofa americana Judith Butler lança nova perspectiva acerca da temática em questão. Embasada em vários



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

autores elabora sua teoria acerca do ser humano enquanto ser performático e, com isso, questiona o que até aquele momento estava estabelecido como identidade de gênero.

Para essa autora, identidade de gênero pode ser compreendida como uma relação entre sexo, gênero, orientação sexual e práticas sexuais, e seria o resultado de práticas normativas e regulatórias do mundo (Trzán-Ávila, 2019). Ora, diante dessa amplitude, como deve ser a vivência de um adolescente trans? Eis a perspectiva que estabelecemos para este estudo.

### **Método**

O estudo está caracterizado sob o viés qualitativo de pesquisa que, segundo Minayo (2104), Pereira & Castro (2019) remete à compreensão do vivido, daquilo que está sendo experienciado pelo participante do estudo, ou seja, a partir do discurso desse outro buscar-se-á sentidos e significações presentes na experiência.

O tipo de estudo é um estudo de caso, estratégia de pesquisa científica cujo propósito é analisar um fenômeno atual em seu contexto real e as variáveis intervenientes. Assim, é um estudo intensivo e sistemático sobre o indivíduo (um adolescente trans) que nos permitiu examinar fenômenos complexos.

Trata-se de uma escuta emergencial com um adolescente de 17 anos do 1º ano do Ensino Médio, feita no turno vespertino que durou em cerca de 60 minutos no Plantão psicológico em uma escola do sistema público estadual de ensino em Manaus.

Foram gravadas algumas falas e utilizadas sob o viés do método fenomenológico-psicológico proposto por Giorgi & Souza (2010) no que diz respeito à Identificação das Unidades de Significado, caracterizadas



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

por excertos de discurso do participante consideradas em sua abrangência e importância para a compreensão do vivido.

No que tange à análise dessas falas, trouxemos o aparato teórico construído por Maurice Merleau-Ponty em sua obra basilar Fenomenologia da Percepção (2011) para compreendermos a dimensão da vivência, o mundo-vivido adolescente.

### **Resultados e Discussão**

Plantão vespertino, o plantonista é procurado por uma adolescente. Após as apresentações iniciais e o preenchimento de dados sociodemográficos, foi explicitado à aluna as características do plantão e que o estagiário estava em disponibilidade para escutar sua história.

N., 17 anos, branca, 1º ano do Ensino Médio, pais separados. Trazendo sua história, revela que morava com a mãe e o padrasto quando mais nova. Relatou que a relação entre os dois era bastante conflituosa e que brigas eram algo constante em seu lar

Quando eu era menor, meu padrasto era extremamente agressivo. Ele tinha uma arma, e muitas vezes ameaçava a minha mãe com ela [...] eu me sentia muito mal ali (**N. aconselhamento realizado em maio, 2022**).

Devido a isso, sua mãe decidiu a levar para morar com seus padrinhos:

Lá era um ambiente bom. Meus tios sempre foram pessoas boas. Eu conseguia finalmente ter paz, fazer minhas atividades e ser feliz naquele lugar (**N. aconselhamento realizado em maio, 2022**).

Porém, complementa:

Até que [voz de choro] aconteceu algo. Meu primo [...] meu primo me abusou [choro]. Aquele ambiente que considerava bom, se



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

tornou extremamente desagradável (**N. aconselhamento realizado em maio, 2022**)

Disse que nunca havia contado essas coisas antes. Nesse período de tempo que morou na casa dos seus tios, chegou a conhecer o pai. Depois do ocorrido, decidiu morar com ele, sua madrasta e seus irmãos. Mas afirma que:

Eu pensei mais uma vez que as coisas iriam melhorar [...] Meu pai chegava bêbado em casa e discutia com a minha madrasta. Ele era violento. Então, eu sempre tentava ficar com os meus irmãos, os protegendo e pensando no pior (**N. aconselhamento realizado em 11, maio, 2022**).

Tempo depois, saiu de lá e voltou a morar com sua mãe e um novo padrasto:

É muito ruim falar disso. Eu não me dava bem com esse meu padrasto. Ele e minha mãe se juntava para falar mal de mim por conta do meu desempenho escolar (**N. aconselhamento realizado em 11, maio, 2022**).

Nesse ínterim, começou a se sentir incapaz e a se auto lesionar. Porém sua mãe acabou descobrindo e tiveram uma conversa séria:

Minha mãe sentou comigo na cama e conversamos bastante. Desde aí, eu decidi parar de me cortar. A relação com ela e meu padrasto se tornou mais estável (**N. aconselhamento realizado em 11, maio, 2022**).

Atualmente, apesar das circunstâncias, ela se sente melhor. Mas relata no final que não é N, e sim:

Sabe, eu preciso contar mais uma coisa. Eu não me identifico como N, mas sim como Pietro. Na realidade, eu sempre fui Pietro. Para alguns amigos mais próximos, eu já conto a respeito, mas não me reconheço. Tenho medo de mostrar quem sou e como



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sou. Não sou eu esse corpo N. meu corpo verdadeiro é Pietro (**N. aconselhamento realizado em 11, maio, 2022**).

Devemos considerar que N. diante de sua vivência maioria das vezes precisa esconder-se por não gostar de seu corpo e os outros impingirem a ela caracteres e determinações no que diz respeito a seu gênero biológico, tem resultado em contínuas crises de ansiedade e desconforto emocional

O único encontro com P, possibilitou trazer diversas nuances do seu mundo das relações que guardava para si e silenciava até então. Percebe-se também, que apesar das facticidades possibilitou um entendimento maior da relação estabelecida consigo mesma. De um corpo que é meu, mas não sou eu, para: um corpo que é meu, e sim, sou eu.

Para Merleau Ponty (2011), a linguagem presume uma consciência de linguagem, onde as palavras recebem configuração e sentido. Tendo em conta isto, compreende-se que a escuta emergencial do relato de P, demonstrou a possibilidade de um corpo silenciado reverberar o sentido atribuído as experiências de fragilidade em sua vida perante aos acontecimentos na configuração familiar.

Segundo Forghieri (2011), na intencionalidade que há o reconhecimento de que o mundo não é pura exterioridade e interioridade, mas sim a compreensão de si e os significados que atribuímos a este mundo.

Conforme citado acima, a intencionalidade é este fruto de significados que atribuímos a estas experiências em que vivemos de maneira singular e pluridimensional. Partindo disto, quando P afirma ser o que é, e reconhecer-se o seu ser-assim, afirma a possibilidade de uma visão mais apropriada de si mesma.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Podemos considerar a vivência da corporeidade em N como que mantida sob o jugo do olhar do outro. Ela apenas responde ao que lhe é imputado e, dessa forma, mantém-se alheia a si mesma, no caso mesmo, sem conseguir realmente ser esse corpo fenomenal que deveria ser compreendido em suas possibilidades.

O corpo de Pietro subjaz escondido devido às normatizações e regulamentos prescritos pelo outro. Dada sua experiência em vários momentos de sua vida ter sido abandonada, lançada de um lugar para o outro, abusada sexualmente, o não-reconhecer-se é o caminho para não ser abandonado mais uma vez, vilipendiado mais uma vez. Entretanto, é o corpo fenomenal que N reconhece como sendo dele e seu. Em Pietro, a possibilidade de experienciar o sentido acerca de si mesmo para além dos caracteres sexuais secundários femininos.

Em Pietro, a vivência do escapo, a operação pela qual dá um novo sentido à sua experiência relacional e a partir do qual inventa um futuro, como nos diz Merleau-Ponty (2011, p.199)

Tudo aquilo que somos, nós o somos sobre a base de uma situação de fato que fazemos nossa e que transformamos sem cessas por uma espécie de escapo que nunca é uma liberdade incondicionada.

### **Considerações Finais**

Compreender a vivência de N é transitar por esferas as mais complexas. Desde sua relação familiar, pautada na violência doméstica como parâmetro contínuo ao abandono por parte das figuras parentais significativas ao descaso em que foi lançada por suas figuras significativas.

Suas experiências têm sido continuamente de agrura, dificuldade e esse movimento tornou-se algo tão desencadeador de





**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ensimesmamento, não realização do ser-si-mesmo. Daí, enfrentar a visibilidade em ser Pietro causa angústia, medo desse outro que, continuamente, através de seus vaticínios e comportamentos, lançaram esse adolescente em situações toscas e de muito sofrimento.

A escuta trazida pelo plantão psicológico possibilitou a Pietro tomar para si a responsabilidade de ser quem ele é. Significou permitir que pudesse refletir sobre si mesmo e sua própria caminhada; sobre o que viveu, tem vivido e o desvelamento do fenômeno “mundo” que é o ser-ele-mesmo. Pietro se permitiu auto resgatar, auto desvelar.

Deste modo, o objetivo do plantão psicológico nas escolas públicas de Manaus - com ênfase na fenomenologia existencial - persiste em demonstrar os diversos parâmetros contemporâneos que desampara, desespera e impossibilita as crianças e os adolescentes no âmbito escolar.

### **Referências**

- Almeida, Victor Nunes de; Ribeiro, Tatiana; Pucci, Silvia Helena Montenesi. (2021) Passado X Presente: fatores de risco associados à saúde mental do adolescente. *Brazilian Journal of Global Health* v. 1 n. 3 (1): v. 1 n. 3.
- Barbosa-Silva, Larissa; Pereira, Álvaro; Alves, Francisco Adelson. (2021) Reflexões sobre os conceitos de adolescência e juventude: uma revisão integrativa. *Revista Prática Docente, [S. l.]*, v. 6, n. 1, p. e026. DOI: 10.23926/RPD.2021.v6.n1.e026.id1045.
- Baccarat de Godoy Martins, Christine et al . (2012) Sexualidade na adolescência: mitos e tabus. *Cienc. enferm., Concepción* , v. 18, n. 3, p. 25-37, <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-95532012000300004>.
- Brasil.(1990) Lei N° 8.069 de 13 de julho de 1990 – *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Ministério da Justiça
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2021) Suicídio, autolesão, relações, fatores contemporâneos: a vivência do desamparo sob o viés da



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Fenomenologia e a clínica dos três olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de *Perspectivas em Psicologia Fenomenológico-Existencial: fazeres, saberes e possibilidades* – Editora Dialética, p. 309-330
- Fernandes Ferreira Lima, Rebeca; Araújo de Moraes, Normanda. (2018) Bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes: revisão integrativa. *Cienc. Psicol.*, Montevideo v. 12, n. 2, p. 249-260, nov. <https://doi.org/10.22235/cp.v12i2.1689>.
- Forghieri, Yolanda Cintrão. (2011) *Psicologia Fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas*. São Paulo: Editora Pioneira.
- Freitas, Elisa Aires Rodrigues de; Silva, Luiz Carlos Avelino da. (2014) Escritas de si mesmo: os adolescentes e seus blogs. *Psicol. Clín.* Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 139-157, dez.
- Giorgi, A. & Souza, D. (2010) Método fenomenológico de investigação em psicologia. Fim do Século.
- Heidegger, Martin (2013). *Ser e Tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Editora da Unicamp.
- Merleau-Ponty, Maurice. (2011) *Fenomenologia da Percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura – 2ª ed. – Editora Martins Fontes.
- Minayo, M. C. S. (Org.). (2014) *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Editora Vozes.
- Pereira, D.G. & Castro, E.H.B. de (2019) Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa. In: Castro, E.H.B.de. (Org.) *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica* – 1ª ed. – Appris, p.15-32.
- Quiroga, Fernando Lionel; Vitalle, Maria Sylvia de Souza. (2013) *Physis* 23 (3), Set <https://doi.org/10.1590/S0103-73312013000300011>
- Schoen-Ferreira, Teresa Helena; Aznar-Farias, Maria; Silveiras, Edwiges Ferreira de Mattos (2010) Adolescência através dos séculos. *Psic. Teor. e Pesq.* 26 (2)- Jun.
- Silveira Goldani Pinheiro, Andrea Maria. da .; Pacheco, Patricia Maria de A.; Campos, Luis Antonio M.; Behar, Cláudia Brandão; Oliveira, Thelma Mary A. de. (2022) Ansiedade e isolamento social na



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

adolescência: como manejar?. *RECISATEC – Revista Científica Saúde e Tecnologia* - 2(2), e2276.  
<https://doi.org/10.53612/recisatec.v2i2.76>

Valle, Luiza Elena L. Ribeiro do; Mattos, Maria José Viana Marinho de. (2011) Adolescência: as contradições da idade. *Rev. psicopedag.*, São Paulo , v. 28, n. 87, p. 321-323.

Trzán-Ávila, A. (2020) *Identidade de gênero : performatividade, ser-aí e subversões* - 1ª ed. - IFEN.

**Recebido: 25.11.2022 Aceito: 08/12/2022 Publicado: 01-01-2023**

## **AUTORES**

### **San Zureik Calacina da Silva**

Graduando em Psicologia na Escola Superior Batista do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Membro do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). E-mail: sanzureik01@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5659-8422>

### **Ewerton Helder Bentes de Castro**

Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>